

O canto, o encanto, e o vento sul de Vitória saudando Maysa

Luiz Sérgio Quarto

Por muito tempo, muito tempo, bem antes da bossa-nova – de um banquinho e um violão, a cidade-presépio abria o seu ensolarado cenário praiano – com muito mais flamboyants em suas praças, ruas e avenidas, e com muitos quintais de velhas mangueiras, mais precisamente na bucólica Praia do Canto. E na batida de um violão seresteiro que poderia ser do mestre Maurício de Oliveira, ou por que não, de um jovem principiante deslumbrado com os seus primeiros e vacilantes acordes, anunciando alegremente que, “o barquinho vai, a Kardinha cai”.

E nesse cenário de barquinho, de sol e também de vento sul de Carmélia e sem Carmélia, surgia de vez em quando, uma menina tão Monjardim quanto Figueira. Recebia ela o canto e o encanto das ondas e das marés, da brisa e da maresia da antiga Praia de Santa Helena ao passar as férias nessa ilha de Vitória de ares provincianos.

A menina-moça, bem amadurecida, virou mulher e se tornou Matarazzo_ sem ou quase nenhum deslumbramento: fim de caso (eu desconfio que o nosso caso esteja na hora de acabar, há um adeus em cada gesto, em cada olhar...) A Maysa “do solar”, deslumbrada sim sempre foi pelos quintais e recantos bucólicos e verdejantes dos Monjardim. Marien Calixte ainda não tinha espalhado para meio mundo que “Viver é ver Vitória”. Parece que Maysa já o sabia: intuição, determinação e audácia, pelo que se pode deduzir sobre suas histórias contadas e impressas, caracterizando sua forte e até temida personalidade.

Famosa e desiludida chegou a se refugiar no Hotel Helal, um dos seus inúmeros aconchegos, em busca de abraços fraternos e amigos confidentes. E em uma das suas muitas depressões, por pouco não se atirou ao mar maroto, ou quem sabe revoltado, circundando a Ilha do Frade.

Acontece que seu corpo e seu espírito fora certamente salpicado e enfeitiçado pelos ares e pelas ondas de sua ilha. Vitória parecia ser mesmo, o seu porto seguro. O seu atencioso e fraterno primo Jayme foi o seu braço forte, o seu ombro amigo: uma espécie de anjo que presente estava para lhe dar guarda e proteção. Não é por acaso que o seu único filho foi chamado de Jayme Monjardim.

Toda essa intimidade exposta, até então retratada por este cronista-autor do conto_ O canto da Sereia _ que na verdade é a própria Maysa, deve-se ao jovem jornalista José Roberto Santos Neves, que acaba de lançar com shows e merecidos aplausos a segunda edição de sua declaração afetiva, de forma transparente, sem julgamentos éticos, e sem discursos moralistas, em uma narrativa precisa e contida, porém rica em informações. Um verdadeiro tributo feito à cantora da fossa e da bossa, compositora e intérprete do bolero, do samba-canção, cantando o amor e a saudade com Dalva de Oliveira, Ângela Maria e Nora Ney.

Coube ao José Roberto_ também Santos Neves _ ligado ao apaixonado casal Márzia e Jayme Figueira_ tomar essa iniciativa literária, essencialmente biográfica, de forma tão expressiva, em um país _ sem memória, como reforça Ricardo Cravo Albim (na orelha do livro) “de que este esforço de José Roberto é a primeira biografia dedicada a Maysa, a musa dos olhos profundos, como dois oceanos inquietos”, permitindo, segundo esse respeitado crítico e produtor musical, “que está biografia de um pesquisador e amoroso biógrafo_ faz de Maysa uma presença quase viva para novos, e velhos, admiradores do seu canto apaixonado”.

O livro Maysa, 2008, ed. Do autor, 202 p. É composto por 21 capítulos que na verdade, são antigos ganhando tonalidades de crônicas, abrangendo a trajetória de vida e a carreira artística da cantora, com seus altos e baixos, decepções e aplausos, desafios e provocações. Enfim, Maysa é Maysa: diferente em tudo, fugindo dos estereótipos

marcantes das famosas cantoras do rádio.

Fã de Elisete Cardoso, sim. E como! Para Gal Costa_ uma das depoentes no livro de José Roberto Santos Neves, Maysa era brilhante.

Antes de Gal, sua fã, sua amiga, Elisete estava no auge e aclamada foi por adjetivos como: a divina, por exigentes críticos, por fãs ardorosos freqüentadores das boates, grandes casas noturnas e teatros. O autor narra um fato interessante envolvendo Maysa em um show de Elisete (p.57) ao se levantar, anunciado pela Divina, pegou o microfone e disse: “meus maiores desejos eram ser homem, negro, pianista e bêbado. Como vocês sabem, não consegui ser homem, negro e pianista. Mas ainda tenho um sonho: ser Elisete Cardoso”.

Quanto aos seus escândalos e desafetos, o autor cita alguns e descreve muitos outros. A sua tumultuada reclamação com Bôscoli tem lances dramáticos, de muita paixão, apelações e de muito humor e vexames, principalmente os ocorridos em uma longa turnê em Buenos Aires. E por causa dessa louca e travessa paixão por Bôscoli, aprontou com a tímida Nara Leão; e mais tarde com Elis Regina, bem temperamental, chamada de Pimentinha.

Voltando a produção da obra de José Roberto Santos Neves, destaca-se a capa de Lara Felipe, sobre a arte original gentilmente cedida por Cesar G. Villela, que é deslumbrante pelo efeito causado nas cores branco e vermelho, realçando os expressivos olhos de Maysa, refletindo o seu “Mundo Caiu”, composto por ela _ grande sucesso conquistando o rádio _ chegando às paradas de sucesso, em 1958. Em 1956, Maysa já provara o gosto do sucesso, com Ouça, também de sua autoria.

Mas não foi só o poeta Manuel Bandeira que se apaixonou pelos olhos de Maysa. Tito Madi, autor e intérprete do grande sucesso Menina-Moça, declarou ao autor: “Tenho saudades dela e de seus lindos olhos.” Bandeira chegou a se questionar poeticamente: “como é então que Maysa me comove e me sacode, me buleversa, me hipnotiza”?

O livro esteticamente bem produzido traz fotos em preto e branco de sua avó, de sua mãe, de sua infância, do seu primeiro e badalado casamento em São Paulo; e de seus manuscritos compostos aos 12 anos.

Traz ainda foto de seu glorioso retorno aos palcos brasileiros, em um show consagrado pelo público e pela crítica, no Canecão, Rio de Janeiro, aos 30 anos de idade. Surgia uma nova Maysa, magra, de mini-saia, bem moderna, cantando a Jovem Guarda de Roberto Carlos: Se você pensa....

A divisão dos textos do livro de José Roberto, ou melhor: a introdução dos capítulos _ em fundo preto, e os textos digitados na cor branco, revela a qualidade da obra, cujo projeto gráfico é de Bruno Dias e impresso na Grafitusa.

Muito se pode enaltecer e descrever a respeito dessa obra biográfica. Deixo portanto, para o leitor apropriar-se dela, buscando em Maysa, o seu Bloco da Solidão, a sua ternura por Dolores Duram, botando toda sua paixão ao interpretar suas canções na base “a nossa casa querido, já estava acostumada aguardando você...”, pedindo-lhe uma Noite de Paz: “*Dá-me Senhor uma noite sem pensar, dá-me Senhor uma noite bem comum, uma só noite em que eu possa descansar, sem esperança e sem sonho nenhum, por uma só noite assim posso trocar, o que eu tiver de mais puro e mais sincero, uma só noite de paz para não lembrar, que eu não deveria esperar e ainda espero*” (p65).

E com esse poema de adeus, estreando um espetáculo no *Au Bom Goumert*, Maysa chorou a morte da amiga, aos 29 anos em 1959. Dezoito anos mais tarde, na ponte Rio - Niterói, correndo a 120 km por hora, a grande intérprete de *Se todos fossem iguais a você; me quite paz, Hymne à (amor Dindi)*...partiu em busca de sua “Noite de Paz” e da “primeira estrela que vier para enfeitar a noite”. A sua noite, a noite de Dolores. Morrera em um trágico acidente por volta das 17h45, voltando para o seu refúgio, em Maricá, dirigindo uma Brasília azul, no verão de 1977, no dia 23 de janeiro. E foi assim, aos 41 anos, que o seu “mundo caiu”. Coube ao José Roberto Santos Neves, com

maestria levantá-lo para o seu público-leitor, seus fãs e familiares, reconstruindo cenários, desvendando mágoas e mistérios que marcam uma intérprete que se entregava de corpo e alma. Só mulheres loucamente apaixonadas como Dalva e Edith Piaf demonstravam esse chamado frenesi, assim como as cigarras que cantam, com sofrimento, no verão, até se explodirem. Para elas, cantoras do amor e da paixão, essa explosão era possível em todas as estações. Foi assim com Maysa. Foi assim, algum tempo depois, com Ellis. Sensível, José Roberto entendeu perfeitamente os seus cantos de cigarra, feitos com garra, elegendo Maysa como a sua favorita ou de diva como prefere chamá-la.

Luiz Sérgio Quarto, 61 anos é escritor, autor de Emília Emilinha Miloca e uma Infância no Caparaó, seu último livro. (2007).